



museu • aquário • investigação



Câmara Municipal de Ílhavo

Boletim CIEMar-Ílhavo

Centro de Investigação e Empreendedorismo do Mar
do Município de Ílhavo

edição n.º 2 | publicação anual | março de 2014

Nota do Presidente

A criação em 2012 do CIEMar - Ílhavo, constituiu um momento absolutamente determinante e estruturante para a vida e para a afirmação nacional, europeia e mundial do Museu Marítimo de Ílhavo e do próprio município, solidificando e impulsionando a sua já então notável capacidade na área da investigação, fundamental para a necessária dinâmica do seu projeto cultural.

Ao longo destes dois anos, foram muitos e diversos os projetos desenvolvidos, tornando claro que o Museu Marítimo de Ílhavo, com os seus já longos e intensos 75 anos de existência e com a inauguração em 2013 do Aquário dos Bacalhaus, tinha de facto entrado num novo e singular ciclo de vida, que à sua componente Museu juntou a Investigação e o Aquário, três valências que constituem hoje a base sólida e diferenciadora de toda a sua intervenção, presente mas também futura.

No que ao CIEMar – Ílhavo diz respeito, que tão bem guarda, estuda e divulga a história e a cultura no nosso povo e do nosso mar, através das suas quatro valências de investigação (CIEMar), arquivo de temática marítima (DocMar), unidade de educação informal (ForMarÍlhavo) e incubadora de empresas (Pólo de Ílhavo da Incubadora de Empresas da Região de Aveiro IERA), estes dois anos de vida que agora comemoramos ficaram marcados por uma extraordinária dinâmica, que este boletim bem demonstra, num trabalho desenvolvido de forma intensa, paciente e apaixonada, em que as parcerias positivas com as instituições e sobretudo com as pessoas foram de decisiva importância.

Os anos que aí vêm serão seguramente de novos e estimulantes desafios, para os quais todos estão convocados, mantendo a Câmara Municipal de Ílhavo a sua forte e decidida aposta na dinamização deste seu equipamento tão singular e identitário como é o Museu Marítimo de Ílhavo e o seu polo Navio Museu Santo André, que em 2013 foi visitado por quase 80.000 pessoas de vários países, trazendo assim o mundo a Ílhavo e levando Ílhavo ao mundo.

Parabéns ao CIEMar – Ílhavo pelos seus dois anos de vida e obrigado a todos os que o ajudaram a nascer e a crescer nesta sua curta mas intensa vida.

Fernando Fidalgo Caçoilo
Presidente da Câmara Municipal de Ílhavo



ARGOS n.º 2

02

Destaque

03

Entrevista Mestre António Esteves, construtor da Bateira Ílhava

CIEMar - Investigação

07

Projetos de investigação

DocMar - Documentação

11

Biblioteca do MMI

Incubadora de Empresas da Região de Aveiro (IERA) - Pólo de Ílhavo

13

ForMarÍlhavo

15

Seminário Desafios do Mar Português
"A Praia: Fronteira com o Mar"



Foto de Etelvina Almeida

αργος

ARGOS

Revista do Museu Marítimo
de Ílhavo outubro 2014 02

Os Museus Marítimos e
a Herança Cultural



ficha técnica

edição e propriedade: Museu Marítimo de Ílhavo
coordenação geral: Álvaro Garrido
coordenação editorial: Nuno Miguel Costa
textos: Alvaro Garrido, Ana Nunes, Joana Vieira,
Jorge Branco, Nuno Miguel Costa, Nuno Silva Costa

ARGOS 02 Os Museus Marítimos e a Herança Cultural

A atividade editorial do Museu Marítimo de Ílhavo (MMI) ficou positivamente marcada pelo lançamento do primeiro número da Argos – Revista do Museu Marítimo de Ílhavo, em agosto de 2013. A aceitação do grande público e a aprovação de públicos mais especializados mostraram que existem boas razões para a edição, em Portugal, de uma revista na área da cultura marítima. A primeira edição foi dedicada à Antropologia Marítima e contou com a participação de diversos especialistas portugueses e estrangeiros.

O segundo número da Argos – Revista do Museu Marítimo de Ílhavo, tem como temática central Os Museus Marítimos e a Herança Cultural, reforçando assim a ambição de promover um debate público sobre as grandes questões da Museologia Marítima. Ao refletir sobre as suas múltiplas dimensões, sobre a sua teoria e as suas práticas, apresentaremos diferentes perfis de museus marítimos e divulgaremos alguns dos bons projetos e instituições que trabalham as culturas marítimas, sem descuidar os próprios projetos, coleções e exposições do MMI.

Ao optar por este tema, a Argos pretende abrir e estimular uma reflexão de âmbito largo sobre a teoria e a prática da

Museologia Marítima em Portugal, um campo museológico relevante mas escassamente refletido na investigação museológica e mesmo nas redes institucionais de museus. Procurando posicionar-se como instituição impulsionadora dessa necessária investigação em rede, a subunidade de investigação do Museu Marítimo de Ílhavo, o CIEMar-Ílhavo, constituirá em 2014, um grupo de trabalho para o estudo regular da teoria e prática da Museologia Marítima.

O lançamento do segundo número da Argos está previsto para o dia 21 de outubro. A revista estará disponível a partir de novembro nas livrarias de todo país.

Entrevista Mestre António Esteves, construtor da Bateira Ílhava

Mestre António Esteves, carpinteiro naval, 72 anos de idade, 62 a trabalhar na arte de construir embarcações em madeira. Começou aos 10 anos de idade a aprender num estaleiro em Pardilhó, a sua terra natal. Finalizada a aprendizagem na escola primária, com entusiasmo iniciou a aprendizagem no estaleiro do Mestre Henrique Lavoura, com quem aprendeu este ofício, juntamente com outros rapazes nos anos 50. O primeiro vencimento só veio passados 4 anos, mas a habilidade, o empenho e o gosto pelo que fazia, levaram-no a adotar esta arte como profissão e como estilo de vida. De Pardilhó saiu para os Estados Unidos da América, onde trabalhou durante 20 anos como construtor de modelos em madeira que dariam embarcações iates em fibra. Regressado às margens da Ria e já proprietário de um estaleiro, faz da construção de embarcações tradicionais da laguna o seu dia-a-dia. Atualmente, é o gosto pelo que faz e pelos barcos que o fazem ir todos os dias para o estaleiro, procurando ignorar a escassez de barcos para construir ou reparar, a falta de interessados a quem passar ensinamentos ou o excesso de questões legais e burocráticas. Sente o fim da arte de construção naval em madeira cada vez mais próximo, mas a forma apaixonada como a vive e a transmite, impele-nos a partilhar excertos de uma entrevista que recentemente lhe fizemos.

Como é que se tornou carpinteiro naval?

Eu acho que nasci para ser carpinteiro naval. Tinha um tio que também era carpinteiro naval e eu gostava muito daquilo que ele fazia. Um dia vinha a sair da escola, por acaso mesmo nos últimos dias da quarta classe, e passei à frente do estaleiro do Ti Henrique Lavoura, que me perguntou se eu queria ir para lá aprender a arte com ele. Eu disse-lhe que gostar, até gostava, mas precisava de autorização do meu pai. Logo nesse dia ele foi lá casa e o meu pai achou bem. No dia seguinte já lá estava a começar a aprender a arte.

De que modo é que o Mestre Lavoura o ensinava?

Andávamos por aqui de volta deles a ver, a aprender. Ao início nós não sabemos fazer nada, mas os mestres lá iam fazendo e iam explicando. Eram muito bons e pacientes a ensinar, mas às vezes lá saltava um cachaço. Para irmos apren-



Pardilhó, Estarreja, 11 de março de 2014

dendo a trabalhar com o machado e com enxó, davam-nos madeira para tirarmos a casca, para nos irmos adaptando à ferramenta e à posição de pegar nela. O trabalho com o machado e a enxó era o forte do carpinteiro naval.

Havia muitas aprendizas nesse tempo?

Sim havia muitos. Aqui nos estaleiros de Pardilhó era uma autêntica escola. Depois de aprenderem aqui, muitos chegavam ir para os estaleiros de São Jacinto. Nessa altura havia muito trabalho e havia muita gente para trabalhar, mas agora parou tudo. Dantes éramos uns quatro ou cinco de volta de um barco. Hoje, sozinho, começo e acabo um barco. Nessa altura também havia quem o fizesse, mas o trabalho era tanto, que tinham que ser vários homens a trabalhar no mesmo barco.

Quando começou a aprender, quantos estaleiros navais havia?

Só aqui em Pardilhó havia uns oito ou nove. Também havia uns poucos na Murtosa e no Cais da Bestida, em frente à Torreira, que era do Mestre Joaquim Rato, que foi quem passou o pau de pontos o Mestre Lavoura, que mo passou a mim. Não quer dizer que o pau seja o mesmo, mas das medidas de um tirávamos para o outro. Era assim, aprendíamos uns com os outros.

Quando é que ficou preparado para construir um barco sozinho?

Por volta dos 18 anos já era capaz de fazer um barco sozinho. O Mestre Lavoura punha-me a fazer os trabalhos mais difíceis. Achava que eu tinha capacidades e confiava em mim. Aos 16 anos já construí uma bateira para mim, para ir à caça. Eu sempre tive muito amor à arte. Se não o tivesse não andava aqui. Já podia estar por aí sentado, mas sinto-me muito bem andar metido nesta luta. Mesmo quando estive nos Estados Unidos da América, a fazer moldes para a construção de barcos em fibra, não deixava de pensar na forma como se trabalhava aqui e nos barcos que aqui se fazia. Isto ensinou-me muito.

O mestre aprendeu a ler desenho ou planos de embarcações?

Não. Para esta arte não. Nos Estados Unidos ainda aprendi e estou à vontade com isso, mas para os nossos barcos não era preciso. Aqui utiliza-se o Pau de Pontos. Foi assim que aprendi e é assim que continuo a fazer. Este que aqui tenho foi-me deixado pelo Henrique Lavoura e é para a construção do Moliceiro. Neste Pau de Pontos está tudo o que precisamos de saber para construir, neste caso, um Moliceiro. No fundo isto funciona como uma escala. A partir daqui podemos marcar as estacas no chão, para começar a construir o tesado do barco, que é a curva que o barco tem no fundo. Daqui também sabemos a medida exata dos vãos das cavernas, do que rodeia o fundo. Sempre metade para cada lado. É difícil estar agora aqui a explicar e também isto deve estar a parecer tudo muito estranho, mas é assim que funciona e olhe que bate sempre tudo certinho.

Este Pau de Pontos é só para o moliceiro? Para os outros barcos há outros Paus de Pontos?

Claro. Para construir cada barco há um pau de pontos diferente. Se fosse para construir uma bateira, já não era este, já tinha que ser outro que tenho acolá, com as medidas próprias para a bateria. Na América aprendi a executar o projeto, mas para mim, um pau de pontos é tão importante como um projeto.

E no caso específico da Bateira Ílhava que construiu recentemente para o Museu Marítimo de Ílhavo?

Também tive que fazer um pau de pontos. Nesse caso tirei as escalas de um desenho que me deram. Com o que aprendi na América, consigo fazer um barco a partir de um desenho, mas para mim faz mais sentido fazê-lo a partir de um pau de pontos. Eu dou muito valor ao pau de pontos porque conheço as duas realidades. O pau de pontos é uma coisa muito bem feita.

Relativamente à construção da Bateira Ílhava. Como é que encarou esse desafio?

Sim, foi um grande desafio, mas gostei muito de a construir, mesmo muito. Ao início fiquei um pouco hesitante, mas dediquei-me logo a ela com muito prazer. Nunca tinha feito nenhuma, claro, mas construí-a com muito gosto. Ainda mais porque o método de construção é igualzinho ao do Moliceiro ou de um Mercantel. Tem as cavernas maiores e é mais alta, mas a construção é igual. Utiliza-se o pau de pontos na mesma, as estacas espetadas no chão, tudo da mesma forma.

O Mestre trabalha mais nos barcos de fundo chato. E se lhe aparecer um com quilha?

É igual faço-o na mesma, mas estes já pode ser através de pau de pontos. Os barcos com quilha já exigem projeto. O pau de pontos só funciona no fundo chato, no fundo em V já não dá. O pau de pontos era feito para pessoas que não sabiam ler.

(...)

Para o carpinteiro naval é mais fácil construir de raiz ou recuperar?

Construir de novo é mais fácil. Há pessoas que só fazem reparações, mas para mim, gosto muito mais de fazer novo. Por vezes nas reparações estragamos muitas ferramentas e por vezes a construção de origem tem tantos problemas que leva-se o dobro do tempo. Por isso, gosto mais de fazer novo.

É o Mestre que pinta os painéis dos Moliceiros que faz?

Não. É um rapaz em quem confio, o Zé Manel. Já tive outros a pintar os painéis, mas ultimamente tem sido sempre ele.

O Mestre nunca pintou painéis?

Só pintei uma vez, ainda no estaleiro do Mestre Lavoura, mas mostrei ao meu pai e ele não conseguiu perceber se o que tinha pintado se era um burro ou uma vaca, percebi logo que não tinha jeito para aquilo. Arrumei o pincel e não insisti mais. Se ele me tivesse dito que não estava muito mal ou que era preciso melhorar, talvez insistisse, mas sendo assim não pensei mais nisso. Por aqui também é normal que sejam outras pessoas a pintar os painéis.

(...)

Quais são as melhores madeiras para a construção naval?

O pinho, tanto o bravo como o manso. Cada um tem a sua função, mas é do pinheiro que vem a melhor madeira para construir barcos. O pinheiro bravo dá tábuas para os lados e para o fundo. O manso como é mais torto é melhor para fazer as cavernas.

Aprende com o Mestre Henrique Lavoura a escolher as madeiras?

Sim, foi com ele. No início ia com ele e ia-me explicando porque é que queria esta e não aquela. Depois, como confiava em mim, já me mandava sozinho. Sou eu que escolho sempre as madeiras para os meus barcos. Às vezes é difícil encontrar os pinheiros que queremos. Têm de nascer com o feitio que nós queremos.

Vale a pena comprar pinheiros antecipadamente, só por terem os feitios desejados?

Hoje em dia não, porque não há encomendas, mas cheguei a ter pinheiros durante anos na água. Sabe que o pinheiro, depois de ser cortado se ficar submerso na água aguenta lá até dez anos e sai como se tivesse sido acabado de cortar. Atenção que tem de ser em água salgada, que conserva a madeira, porque a doce apodrece-a. Fazia isto quando ia à procura de madeira para um pedido e encontrava madeira ao meu gosto. Cheguei a ter madeira na água para 4 ou 5 anos.

Se lhe fosse feita uma encomenda de um Moliceiro hoje, quanto tempo é que demoraria a entregá-lo e em quanto é que custaria esse Moliceiro?

Se tivesse aqui o material todo no meu estaleiro, em 5 semanas punha-lhe o barco na água. Sozinho, conseguia fazer-lhe o Moliceiro em 5 semanas, mas atenção, com as madeiras precisas já aqui no meu estaleiro. O preço, deverá andar à volta dos 15 mil euros.

Em média, qual o tempo de vida de um Moliceiro?

Antigamente duravam 25 ou 30 anos. Hoje, há aí barcos que têm três anos e já estão todos podres. Eu não sei o que se passa. A meu ver é de estar parado. Só saem uma ou duas vezes por ano e não lhes dão uso. Um barco quer uso, precisa de água salgada, de ser lavado em água salgada. O orvalho que se forma de noite apodrece o barco e o sol também não lhe faz nada bem. A água doce é um veneno para a madeira, por isso, se lhes dessem uso, a água salgada sempre ia lavando o barco, porque a água salgada faz bem à madeira. Julgo que seja essa a razão. Não vejo outra razão.

(...)



Pardilhó, Estarreja, 11 de março de 2014

Quais são as ferramentas mais características do carpinteiro naval?

Quando eu era rapazote havia algumas que se usavam muito. Por exemplo, se me chamassem para “amanhar” um barco, levava comigo a enxó, o machado, a serreta e o cai-xote com os pregos. O escopeiro, que era o pincel de dar o breu, era quem nos chamava que o dava. Também havia a serra braçal, mas julgo que estas eram as mais típicas.

Falou em “amanhar” o barco. O que significa?

É tratar do barco. Todos os barcos precisam de ser amanhados. Uma vez por ano precisam de ser amanhados. Chamavam-nos para “amanhar” um barco, que normalmente estava virado de “fundo ao ar” nas ribeiras. Perguntávamos se “fazia água” em algum lado e começávamos a apalpar o barco, para ver se faltava algum prego ou se era preciso trocar algum que estivesse podre, substituíamos alguns pedacitos de madeira que precisassem de ser trocados, calafetávamos e dávamos breu. Deixávamos o barco pronto para mais um ano. Os barcos em madeira devem de ser “amanhados” todos os anos.

(...)

O Mestre já ensinou a sua arte a alguém?

A rapazes novos? Não. Quer dizer, quando andava no Mestre Lavoura ele punha-nos a ensinar os mais novos, mas agora mais recente não. Primeiro, como as encomendas estão fracas e o trabalho não é muito, não seria muito fácil trazer aqui um pequeno. Pagar-lhe seria difícil, mas até fazia esse esforço pelo gosto de transmitir esta arte, mas os miúdos não querem vir e a escola também não deixa. Só os deixa vir para aqui depois dos 16 anos e com essa idade já não se contentam com pouco. Eu quando comecei nisto estive 4 anos sem ganhar, só a aprender. Hoje em dia nunca podia ser assim. Se houvesse uma escola, ainda ia para lá ensinar, mas tinha de ser para quem quisesse mesmo aprender e fazer disto vida. A dada altura ainda fui dar formação a Ribeira de Pardelhas (Murtosa), pago pelo IEFP, mas quem lá andava não estava muito interessado em aprender e foi uma perda de tempo.

Nos dias de hoje quem é que encomenda barcos em madeira?

Ninguém. Isso acabou. Já ninguém se dá a esse trabalho. Conheço muita que gosta de ter o seu Moliceiro. Muitos emigrantes, que de regresso a Portugal mandaria construir um barco só pelo prazer de o ter, mas para quê? Para o terem ao Sol? Não há incentivos nenhuns, já não há regatas, já não há nada que incentive quem tem barcos. Depois a Capitania só exige; papéis, licenças, segurança. Complicam

mais do que o que incentivam.

E estes passeios que estão a fazer nos canais da cidade de Aveiro não incentivaram à construção?

Não, porque compraram os Moliceiros a quem ficou desiludido com a falta de regatas e de incentivos. Não houve construção nova. Só reconstrução.

Se hoje lhe pedisse a construção de um Moliceiro, que papéis é que tinha que ter?

Não era fácil, porque eles não estão a aceitar a construção de barcos novos, mas primeiro tinha de dizer qual o uso que lhe ia dar, se era para turismo, se era para tráfego local ou para recreio. Ia consigo à Capitania, onde viam se havia carta de arrais e que condições é que a carta trazia porque as cartas não são todas iguais. São precisos papéis antes da construção e depois da construção. Acho que pedem coisas a mais, mas é o que exigem.

A arte está a desaparecer?

Está a desaparecer de todas as maneiras. Está a desaparecer quem as faça, quem trabalhe a arte, está a desaparecer quem a procure, porque a Capitania também não desenvolve e isso complica muito. Só pedem, só pedem e não facilitam nada. É triste haver tantas complicações e pedirem tantas coisas. Às vezes ouve-se na televisão que o país não desenvolve. Não desenvolve porque eles não deixam e só complicam. É o que nós temos. Na minha opinião também está a atrasar esta arte, mas quem é que vai nos dias de hoje mandar fazer um barco? Para quê? Tanto gasto para quê? Para o ter a apanhar sol e apodrecer? Não vale a pena. Isto está a acabar. Quanto a mim a arte está a acabar.



A arte da construção naval em madeira na Ria de Aveiro

Nos seus cerca de 47 Km de extensão, de Ovar a Mira, a Ria de Aveiro distribui-se por dezenas de braços, canais, estreitos e valas; são centenas de quilómetros de margens que fazem fronteira com 23 freguesias de 7 concelhos diferentes. No século XIX e até meados do século passado estas estrias que caracterizam a Ria serviam como via de comunicação privilegiada para transporte de mercadorias e de pessoas. As margens da Ria criavam conexões entre as populações ribeirinhas. Os barcos eram os seus veículos.

Nos 111 cais e desembarcadouros que ocupavam as margens da ria em 1936¹, foram desembarcadas 563.456 toneladas e embarcadas 127.001 toneladas dos mais variados produtos; do moliço ao vinho, da cerâmica aos cereais. Este movimento mercantil era servido, essencialmente, por embarcações de pequeno porte: 86.064 vezes por embarcações até 4 toneladas e 21.920 movimentos por embarcações até 10 toneladas.

Estes dados permitem invocar o potencial económico da região lagunar e revelam a vitalidade social que as embarcações emprestavam à Ria.

Contando com dois fatores fundamentais, a estabilização da abertura da barra de Aveiro e o aumento do volume de transporte de mercadorias, os anos 20 e 30 do século XX foram o expoente da construção naval de embarcações de baixo calado nos estaleiros da Ria de Aveiro.

Em 1889, havia 2287 barcos empregues nas indústrias da ria de Aveiro, dos quais 1342 para a apanha do moliço². No quadro abaixo verificamos que o volume de construção na década de trinta, que mostra que numa só década foram construídos tantos barcos quantos os que existiam cinquenta anos antes. O mesmo estudo mostra que em 1938

¹ Vide JARBA, 1936, *Porto e Ria de Aveiro: Notícia sobre o seu valor económico*, Ministério das Obras Públicas e Comunicações

² Vide F. Regala, 1889, *A Ria de Aveiro e as suas indústrias*, Ministério da Marinha e Ultramar

havia no distrito de Aveiro três estaleiros de construção de navios e 49 de embarcações de baixo calado. No total, ocupavam 450 trabalhadores. Três eram mestres construtores de navios e 24 eram mestres construtores de embarcações.

A construção de navios de maiores dimensões, como os lugres, iates, escunas, palhabotes, patachos e batelões, estabelecia-se preferencialmente em estaleiros situados junto à zona central da Ria, como é o caso dos estaleiros da Cale de S. João, hoje Canal de São Roque, onde no século XVI foram construídos grande parte dos navios de comércio

Embarcações de uso lagunar construídas em estaleiros da Ria de Aveiro (1929 e 1938)

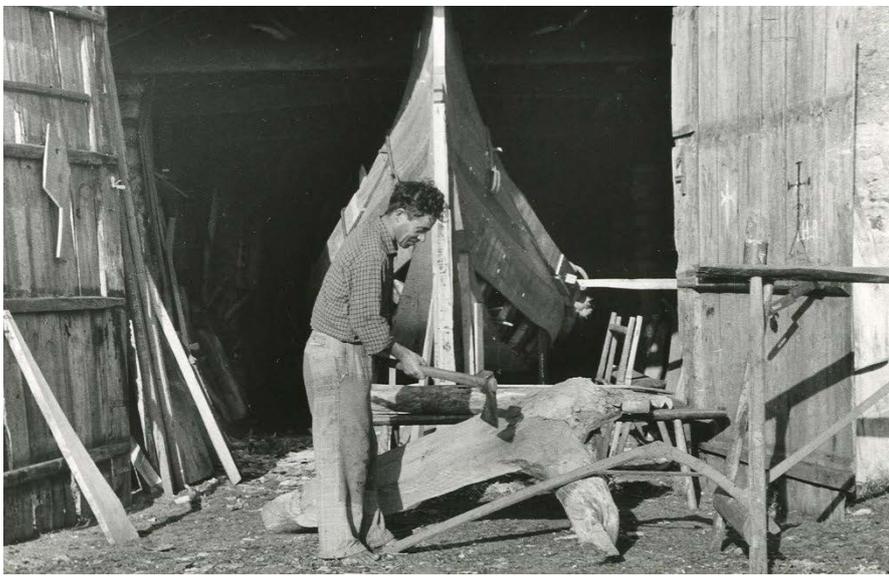
	Nº de Embarcações	Capacidade de carga em (t)
Embarcações de pesca costeira	64	396
Embarcações de pesca lagunar	398	442
Moliceiros	720	1417
Embarcações de transporte	235	1408
Embarcações de apanha de ervagens	610	392
Recreio	21	10
Total	2048	4065

Rocha e Cunha, S.R., 1939, *Notícia sobre as indústrias marítimas na área da jurisdição da Capitania do Porto de Aveiro*, JARBA, p. 26

e pesca longínqua. O mesmo se passou com os Estaleiros Mónica, que entre 1889 e 1981 estiveram na Cale da Vila da Gafanha da Nazaré, e com os Estaleiros de São Jacinto que, a partir de 1940, se instalaram na margem norte da Ria, mas na mesma na zona central e mais profunda da Ria de Aveiro. Já a construção naval em madeira para barcos de menor tonelagem sempre foi mais intensa na zona norte da Ria de Aveiro.

O Boletim do Trabalho Industrial relativo ao concelho de Aveiro revela que em 1910³ existia na capital de distrito apenas um estaleiro de construção naval de embarcações, junto ao canal de São Roque, com 14 operários, onde tinham sido construídas no ano anterior 27 embarcações, das quais 4 tiveram como destino outros portos. No Bole-

³ Vide A. Cabido, 1911, "Corografia Industrial do Concelho de Aveiro", in *Boletim do Trabalho Industrial nº60*, Ministério do Fomento



Fundo Octávio Lixa Filgueiras, Prat. 1142, P154 – (019) Fotografias, G5-4 (618)



Fundo Octávio Lixa Filgueiras, Prat. 1142, P154 – (019) Fotografias, G5-4 (645)

tim referente ao concelho de Estarreja⁴ verifica-se que no mesmo período foram construídas 141 embarcações: 59 na Murtosa, que ainda não era concelho, 46 em Pardilhó e 25 em Veiros. As restantes eram destinadas a outros portos. Naquela data, havia em Estarreja 62 carpinteiros navais e 18 calafetes. Dados reveladores da forte implementação da construção naval em madeira na zona norte da Ria de Aveiro.

Muitas embarcações construídas nos estaleiros da ria tinham como destino o estuário do Tejo ou mesmo o do Douro. O transporte de entrega era feito à cabotagem por dois ou três homens. Alguns desses homens, hábeis na construção em madeira e conscientes das necessidades de manu-
4 Vide A. Cabido, 1912, "Corografia Industrial do Concelho de Estarreja", in *Boletim do Trabalho Industrial* nº65, Ministério do Fomento

tenção destas embarcações, vão-se instalando na margem sul do Tejo. O seu engenho e necessidade de trabalhar permite-lhes oferecer soluções de recuperação e manutenção aos varinos, fragatas e faluas que povoavam o Tejo, aplicando o saber da construção naval em madeira e criando tradições de carpintaria naval nos concelhos do Seixal, Barreiro e Moita.

A arte de construção naval em madeira na região lagunar foi sempre muito reconhecida nos diversos portos e estuários do país. Destacava-se pelos conhecimentos técnicos e práticos e pelo saber-fazer tradicional que passava de geração em geração, sem escolas, sem cursos, só de ver fazer e aprendendo diariamente. Era-lhe notada a perícia, a competência e a forma eficiente como o saber se transmitia, como património intangível que passava de geração em geração, de mestre para aprendiz, perpetuando os segredos mais preciosos desta arte.

Do ponto de vista da técnica da construção, os carpinteiros navais da Ria de Aveiro não recorriam a plantas, alçados ou cortes. Através de uma vara, a que chamam ainda hoje *pau de pontos*, conseguiam transpor para as dimensões necessárias a escala que verificavam nas formas, ou moldes, que eles próprios construía e adaptavam para cada tipo de embarcação que tinham que construir. Com o *pau de pontos*, uma *enxó*, e um *machado*, um carpinteiro naval estava pronto

a construir embarcações em madeira. Os próprios ensinamentos desta arte faziam-se recorrendo a estes objetos. O domínio da utilização destes objetos não vinha nos livros, não estava (nem está) documentado; só se aprende quando é transmitido diretamente por alguém que de experiência sabe, observando, experimentando e conhecendo. Aprendizagem que demorava anos, que em parte se perdeu, embora persista nuns poucos estaleiros e bem documentada na Sala da Ria do MMI.

Nuno Miguel Costa
Investigador CIEMar-Ílhavo

Arquivo de Memórias da Pesca do Bacalhau - Entrevistas na Nazaré e em Viana do Castelo

O MMI iniciou em 2006 o projeto Arquivo de Memórias da Pesca do Bacalhau, de vasta importância para a preservação e construção das narrativas memoriais desta atividade. A fim de inventariar os patrimónios imateriais, enriquecer as coleções e pluralizar as memórias e discursos sobre a Grande Pesca, este Arquivo tem vindo a ser construído através da recolha audiovisual de testemunhos dos principais depositários: os homens que andaram ao bacalhau nos mares da Terra Nova e Gronelândia. Com o objetivo de dar voz aos diversos protagonistas desta atividade, a recolha incide sobre todas as categorias profissionais, desde pescadores a oficiais, de norte a sul do país.

Para proceder à criação deste Arquivo, a equipa do MMI tem percorrido o litoral português ao longo dos últimos anos, visitando os principais centros de recrutamento de homens para a pesca do bacalhau, locais com história e gentes ligadas ao mar. No passado dia 19 de dezembro, com o apoio do Museu Dr. Joaquim Manso, uma equipa de técnicos do Museu visitou a Nazaré onde entrevistou quase uma dezena de antigos pescadores. Já durante o mês de Fevereiro, deslocamo-nos a Viana do Castelo onde, na escola de remo – Viana Remadores do Lima, foram realizadas mais entrevistas.



Arquivo de Memórias da Pesca do Bacalhau. Recolha audiovisual de testemunhos de homens que foram ao bacalhau. Nazaré, 19-12-2013

Constituído, até ao momento, por mais de uma centena de testemunhos, o Arquivo de Memórias da Pesca do Bacalhau continuará a crescer, estando prevista a recolha de novos testemunhos em Mira, Murtosa, Setúbal e Sesimbra. Através deste projeto, o MMI tem construído redes memoriais e identitárias com inúmeras comunidades marítimas portuguesas. Preservar memórias e legá-las ao futuro constituem tarefas centrais da responsabilidade social de um Museu.



Arquivo de Memórias da Pesca do Bacalhau. Recolha audiovisual de testemunhos de homens que foram ao bacalhau. Viana do Castelo, 24-2-2014

Exposição “O Bacalhau na Cultura Portuguesa”

Um dos objetivos do CIEMar-Ílhavo é a criação de conteúdos expositivos que possam ser procurados pelas mais diversas instituições culturais, divulgando os principais aspetos ligados à cultura marítima. No seguimento desta linha de ação foi elaborada a exposição “O Bacalhau na Cultura Portuguesa”.

A ideia central da exposição é demonstrar a relação histórica de Portugal com a pesca e o consumo de bacalhau como um fenómeno cultural e identitário. A atividade bacalhoeira remonta à chegada dos portugueses à Terra Nova e ao Lavrador, no século XVI. Desde essa altura, o *gadus morhua*, foi-se introduzindo nos hábitos alimentares dos portugueses, sendo hoje uma marca indelével da cultura e identidade nacionais, porventura a mais emblemática.

Como qualquer atividade económica, a pesca do bacalhau sofreu várias transformações ao longo do tempo, tendo em conta os contextos políticos, sociais, culturais e mesmo por razões científicas e técnicas.

A exposição tem como base material uma multiplicidade de representações visuais e documentais de grande amplitude temporal sobre a temática (cartazes, fotografias, pintura, escultura, filmes), e alicerça-se em textos de apoio e descrições que permitem enquadrar e esclarecer o público para o fenómeno, na sua globalidade, de forma simples, atrativa e coerente.

Pensada para ser objeto de itinerância em Portugal e nos países de língua oficial portuguesa, a exposição tem cerca de vinte painéis. Estará presente no Festival do Bacalhau, em Agosto de 2014.



Josepha d'Óbidos e Baltazar Gomes Figueira, *Mês de Março*, 1668
Óleo sobre tela, 168x106 cm, Coleção Particular

Um Mestrado em Arqueologia realizado no CIEMar-Ílhavo

No âmbito do meu mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, orientado pela Prof^a Teresa Soeiro, realizei, no MMI/CIEMar-Ílhavo, um estágio de 500 horas que me permitiu a elaboração de um relatório, algo semelhante a uma dissertação, mas que inclui uma componente mais prática. O relatório intitulou-se “Pesca Tradicional na Laguna de Aveiro: Cais, Embarcações e Artes” e teve a classificação final de 17 valores.

Neste trabalho de teor etnográfico optei por abordar a pesca na laguna de Aveiro, do século XIX até ao presente, em quatro capítulos: cais lagunares, embarcações tradicionais, artes de pesca e pescadores. O objetivo final deste relatório pretendia aprofundar os estudos realizados e o conhecimento disponível sobre estas temáticas, assim como alertar a consciência da população, sobretudo dos “povos lagunares” e em especial, dos pescadores e mestres construtores, para este vasto património material e imaterial.

O estágio foi de grande valor pois tive livre acesso à biblioteca do MMI, onde existem imensas obras que me foram muito úteis e que me permitiram fazer uma recolha de informação excecional, de autores como Baldaque da Silva, Francisco Regalla, José de Castro, Ana Maria Lopes ou Octávio Lixa Filgueiras, autor cujo espólio reside no MMI, em fundo próprio em fase de catalogação. De destacar ainda o acesso às reservas do Museu, onde pude fazer o registo de vários moldes de madeira empregues na construção das embarcações tradicionais. O Relatório / Dissertação que elaborei encontra-se disponível para consulta na Biblioteca do Museu. Esta investigação prosseguirá em articulação com o CIEMar-Ílhavo.

Jorge Branco



“Bateira de Mira” – Fotografia de Jorge Branco. Arquivo pessoal.

DocMar – Documentação Biblioteca do MMI

A Biblioteca do MMI, criada a partir de doações e aquisições ao longo dos 75 anos de vida da instituição, é constituída por um acervo especialmente dedicado à temática marítima, tornando-a singular no panorama das bibliotecas museológicas nacionais.

A coleção bibliográfica existente conta com cerca de 8000 monografias e 2000 exemplares de publicações periódicas. Destacam-se os títulos sobre temas ligados às várias dimensões da Economia do Mar, da História, da Geografia e da Antropologia Marítimas, bem como da História da Expansão Portuguesa, História Naval, História Local e Regional e Museologia.

A recente realidade do Museu Marítimo de Ílhavo, com a construção do Centro de Investigação e Empreendedorismo de Ílhavo (CIEMar-Ílhavo) e do Aquário de Bacalhaus, permitiu dar uma nova vida à Biblioteca do Museu, integrando-a no edifício do CIEMar-Ílhavo, juntamente com os fundos de arquivo existentes no Museu.

Biblioteca e Arquivo, monografias e documentação, encontrando-se juntos e integrados, tornam o espólio do MMI ainda mais significativo em termos de consulta e riqueza documental. Convidamos, por isso, todos os potenciais leitores, especialistas ou não em temas marítimos, a visitarem a nossa biblioteca e a usarem os seus serviços.

Fundos especiais da Biblioteca:

A Biblioteca do MMI, para além da sala de acesso geral, conta com uma sala de reservados, onde se podem encontrar as bibliotecas privadas ou monografias doadas por figuras relevantes da ciência e cultura local e nacional. Destacamos parte significativa das bibliotecas privadas do Arquiteto Octávio Lixa Filgueiras, autor fundamental no estudo das embarcações tradicionais portuguesas, as de Rocha Madahíl e Américo Teles, individualidades singulares na história do próprio MMI.

Fundos de arquivo:

Nos arquivos do MMI estão depositados valiosos documentos institucionais e individuais. Ao nível institucional destacam-se os fundos ligados à história da pesca do bacalhau, como o Fundo de Arquivo da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, o do

Grémio dos Armadores dos Navios de Pesca do Bacalhau e dos Estaleiros Mónica. Recentemente foi incorporado o valioso espólio do Porto de Aveiro, que conta com documentação essencial para a compreensão da história e dinâmicas da laguna de Aveiro. Os nossos arquivos contam com uma vasta documentação doada por aqueles que fizeram parte da atividade marítima e que gentilmente cederam ao museu documentos de grande valor memorial, especialmente de carácter fotográfico, e que constituem uma parte significativa da imagoteca do Museu. Apelamos à doação ou depósito de documentos de temática marítima nos Arquivos do MMI.

O acesso à biblioteca e arquivo do MMI é livre e gratuito, podendo os seus utilizadores usufruir dos seguintes serviços:

- Consulta local;
- Reprodução;
- Acesso a documentação de arquivo e reservada.

Horário de Funcionamento:

Dias úteis das 09h00 - 13h00 e das 14h00 - 18h00

Páginas úteis com informações e pesquisa bibliográfica:

www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt/pages/19

www.bibliotecamunicipal.cm-ilhavo.pt/PortalWeb



Biblioteca do Museu Marítimo de Ílhavo, 1º piso CIEMar-Ílhavo

Arquivo do Porto de Aveiro

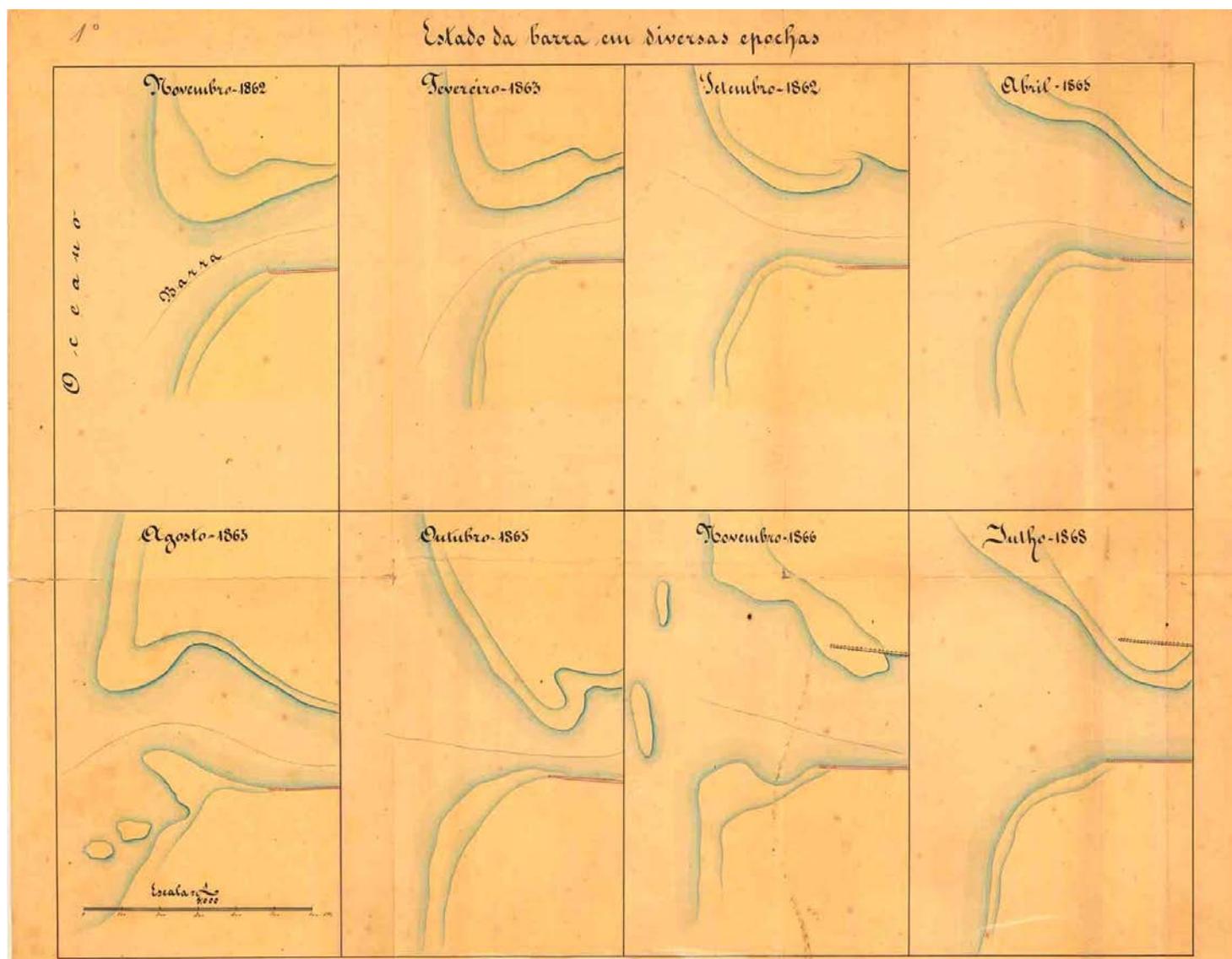
No seguimento do protocolo assinado pela Câmara Municipal de Ílhavo e pela Administração do Porto de Aveiro, foi transferido e integrado o Arquivo Histórico do Porto de Aveiro, encontrando-se em processo de inventariação no CIEMar-Ílhavo.

A documentação do Porto de Aveiro tem uma importância crucial para a compreensão das transformações físicas e humanas operadas na zona lagunar, já que prova a luta constante entre o homem e a natureza na tentativa de manter aberta a barra de Aveiro, possibilitando a sua navegabilidade. Neste aspeto, importa destacar os documentos, memórias descritivas e cartografia, dos projectos elaborados pelos vários engenheiros que elaboraram e conceberam os planos de obras de melhoramento da entrada da barra e, posteriormente, as infraestruturas portuárias, que molda-

ram as paisagens e que influenciaram as várias atividades económicas na região.

A documentação do Arquivo do Porto de Aveiro é fundamental para a compreensão de vários fenómenos, para além da evolução da construção do próprio porto. A existência das atas da administração e a correspondência, desde o século XIX até aos nossos dias, permite não só estabelecer as relações institucionais locais, mas também as nacionais e com as políticas portuárias a nível central.

A documentação de âmbito técnico (projetos, plantas, mapas e desenhos) é um manancial de informações sobre a evolução da engenharia portuária e da hidrografia da região, já que está há registos de levantamentos da batimetria e das marés que permitem a compreensão das alterações geomorfológicas na laguna.



Arquivo do Porto de Aveiro - Estado da barra em diversas epochas, escala: 1/5000, 1865

Incubadora de Empresas da Região de Aveiro (IERA) - Pólo de Ílhavo



A Câmara Municipal de Ílhavo, no âmbito dos objetivos que constam do Plano Municipal de Incentivo ao Empreendedorismo, tem ao dispor dos seus munícipes e da população em geral a Incubadora de Empresas do Município de Ílhavo, que representa um Polo de Incubação da Incubadora de Empresas da Região de Aveiro (IERA). O seu principal objetivo é apoiar os empreendedores no desenvolvimento das suas ideias de negócio, disponibilizando meios físicos e materiais que lhe permitam transformar os seus projetos em realidades empresariais, através da promoção e acompanhamento das suas ideias de negócio e dos seus projetos inovadores, proporcionando a inserção dos empreendedores num ambiente empresarial, com vista à criação de sinergias que permitam a sustentabilidades dos mesmos.

A promoção do espírito empreendedor e inovador, o apoio à criação de emprego, o desenvolvimento de novas oportunidades e ideias de negócio, a promoção da cultura científica e a dinamização do Centro de Investigação e Empreendedorismo do Mar do Município de Ílhavo (CIEMar-Ílhavo) são algumas das características desta Incubadora.

A Incubadora disponibiliza um espaço com 7 gabinetes individuais, 1 gabinete de co-working, 1 sala de reuniões, 1 sala de formação, 1 sala polivalente, 1 espaço verde e espaço para coffee-break, além de serviços e parcerias estratégicas para o crescimento e desenvolvimento das mesmas.

Com o intuito de promover o empreendedorismo, a Câmara Municipal, através da sua Incubadora de Empresas, tem dinamizado várias ações de sensibilização, das quais se destacam o workshop sobre a "Criação do Próprio Emprego e Plano de Negócios", que decorreu no dia 30 de janeiro no Auditório do Museu Marítimo e que teve a participação de cerca de 170 pessoas, e o seminário sobre os "Passos para a Criação da sua Empresa", que teve lugar no dia 27 de março no CIEMar-Ílhavo.

Neste momento, a Incubadora tem no seu espaço a empresa ALGAplus, Produção e Comercialização de algas e seus derivados, Lda. e está em fase final de análise de duas candidaturas e a preparar a instalação de uma ideia de negócio direcionada para a área marítima, nomeadamente a parte náutica, e de uma empresa direcionada para a promoção de produtos locais e regionais, de forma inovadora, através da sua marca. Estamos disponíveis e preparados para receber mais ideias de negócio e/ou empresas que estimulem a economia e a criação de novos postos de trabalho no nosso Município.

A Incubadora de Empresas do Município de Ílhavo localiza-se no CIEMar-Ílhavo, elemento estruturante da vida do Museu Marítimo de Ílhavo, funcionado de segunda a sexta-feira, no período das 9h às 13h e das 14h às 18h.

Para mais informações contacte
ciemar.mmi@cm-ilhavo.pt
234 092 496

Empresa Incubada – ALGAplus

A primeira empresa a entrar na Incubadora de Empresas do Município de Ílhavo, no mês de dezembro de 2013, foi a ALGAplus, Produção e Comercialização de algas e seus derivados, Lda., cujo objetivo é produzir macroalgas e derivados para aplicação em produtos de elevado valor acrescentado. Direciona o seu produto para a indústria alimentar e cosmética, chegando também ao consumidor final com as



marcas Tok de Mar (alimentar) e SeaOriginals (bem-estar).

A ALGApplus nasceu da vontade de transferir o conhecimento e experiência de dois investigadores – Helena Abreu e Rui Pereira – para um negócio com impacto na aquacultura, ambiente e biotecnologia, sendo pioneira em Portugal no cultivo de macroalgas marinhas e na implementação comercial de sistemas de aquacultura integrada multi-trófica (AMTI ou IMTA em inglês).

Este tipo de sistemas exige, como o nome indica, a integração da produção de diferentes organismos. Assim, a ALGApplus estabeleceu uma parceria com a empresa Máteraqua (produção de robalo e dourada na Ria de Aveiro) onde cultiva as algas em áreas não utilizadas para a produção do peixe, beneficiando das águas enriquecidas em nutrientes essenciais ao crescimento das mesmas. Além disso, a empresa tem investido nas áreas de apoio à produção, dispondo de um laboratório e de uma zona de processamento também em espaço partilhado com a Máteraqua. Vários trabalhos estão em curso, parte financiada pelo programa de apoios PROMAR, de forma a otimizar a produção e valorizar a biomassa obtida.

Como estratégias, além da produção em sistemas IMTA, a ALGApplus trabalha de forma a adequar a qualidade da biomassa às necessidades das indústrias de transformação através da manipulação das condições de cultivo e ajudando à seleção das espécies a incluir em produtos desenvolvidos pelos clientes. Simultaneamente, mantém ativa uma forte componente de inovação e desenvolvimento com o intuito de melhorar os processos de cultivo e o desenvolvimento de novos produtos.

Além da sua atividade principal de produção, a empresa presta também serviços de consultoria técnica e científica em temas relacionados com macroalgas (ecologia, cultivos, utilizações) e sistemas IMTA.

Para saber mais, visite o nosso site (www.algaplus.pt), a nossa página do Facebook, onde divulgamos curiosidades sobre o mundo das macroalgas (www.facebook.com/ALGApplus.pt), e o nosso blog, onde partilhamos receitas de petiscos confeccionados com os nossos produtos (<http://tokdemar.wordpress.com>).

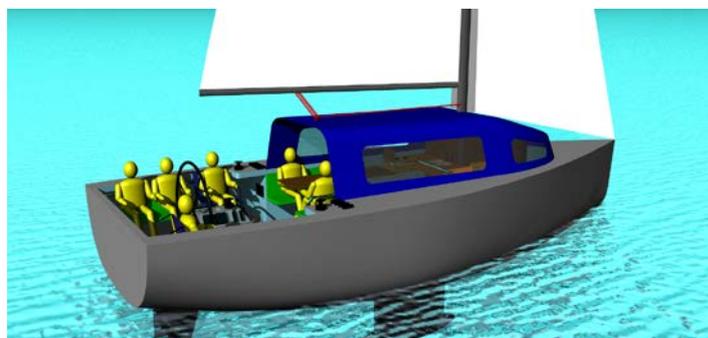
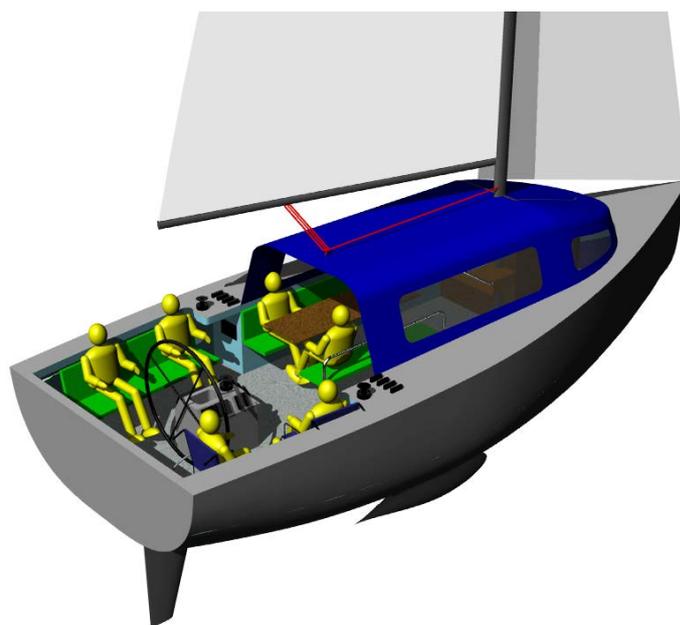


Ideia de Negócio – Inclusion Yachts

No passado dia 28 de fevereiro, realizou-se a assinatura de um Contrato de Pré Incubação de Ideias de Negócio e de Incubação de Empresas entre a Câmara Municipal de Ílhavo e o engenheiro Frederico Cerveira, com vista ao desenvolvimento da sua ideia de negócio e respetiva instalação na Incubadora de Empresas do Município de Ílhavo.

Recebemos, assim, mais um empreendedor que pretende criar a marca Inclusion Yachts para projetos e comercialização de embarcações à vela, adaptadas a pessoas com necessidades especiais. O público-alvo deste projeto são as pessoas portadoras de deficiência ou incapacidade, assim como a população sénior, mulheres e crianças que normalmente sentem dificuldades em cooperar com os veleiros convencionais.

O projeto, que será desenvolvido na Incubadora do CIE-Mar-Ílhavo, apresentará soluções inovadoras a nível da mobilidade, ergonomia e segurança e utilizará soluções que permitam personalizar os produtos às especificidades de cada cliente.



ForMarÍlhavo

Seminário Desafios do Mar Português

“A Praia: Fronteira com o Mar”

O MMI, através da subunidade de investigação o CIEMar-Ílhavo criou em 2012 uma série de Seminários intitulada Desafios do Mar Português, que visou promover a momento de reflexão e discussão de temas de cultura do mar socialmente relevantes, quer pela sua importância histórica-social, quer pela sua pertinência na atualidade. Esta iniciativa visa promover uma educação informal e contribuir para a construção cívica de uma cultura marítima, tarefa que nos propomos realizar em articulação com as mais diversas instituições e comunidades de públicos.

A III edição do seminário Desafios do Mar Português será dedicada ao tema “A praia: fronteira com o mar”. O Seminário contará com a participação do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

(CITCEM) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, unidade de investigação protocolada com o CIEMar-Ílhavo.

Habitando um território de fronteira física entre o marítimo e o terrestre, a praia tem alimentado dicotomias que inundam o nosso imaginário histórico, social e cultural; entre quem parte e quem fica, entre o trabalho e o lazer, o desenvolvimento e a natureza ou entre a inspiração e a desilusão. Apesar da transformação que tem sofrido, a praia não deixará de ser o lugar de ligação da terra com o mar e do homem com a natureza. É a praia, como facto social total, que queremos ver discutida, na sua dimensão científica, estratégica e atual.

Esta terceira edição decorrerá no próximo dia 21 de outubro de 2014 no auditório do Museu Marítimo de Ílhavo.

seminários CIEMar-Ílhavo

Desafios DO Mar PORTUGUÊS

A Praia: Fronteira com o Mar

Museu Marítimo de Ílhavo | 21 de outubro de 2014

participação gratuita



Lançamento da 2ª Edição do Prémio de Estudos em Cultura do Mar "Octávio Lixa Filgueiras"

O concurso para a 2ª edição do Prémio de Estudos em Cultura do Mar "Octávio Lixa Filgueiras" já está a decorrer. O sucesso pretendido e concretizado da 1ª edição cria-nos

expectativas fundamentadas para o lançamento de uma segunda edição. Criado para invocar e divulgar a obra de um dos mais reconhecidos investigadores portugueses de

temas de cultura marítima, o Prof. Arquitecto Octávio Lixa Filgueiras, este prémio incita o Museu Marítimo de Ílhavo a consolidar-se como instituição assente em dinâmicas de investigação aplicadas e capaz de promover um projeto cultural interessante para as diversas comunidades de público.

O Prémio é constituído por uma quantia em dinheiro de 3.000,00€ e é destinado a galardoar autores de dissertações académicas ou de trabalhos de investigação realizados no âmbito vasto da cultura marítima-fluvial, nomeadamente nas áreas de História Marítima, Antropologia Marítima, Patrimónios Marítimos e Museologia. A inscrição deve ser feita até 30 de maio, estando para isso disponível o formulário de inscrição e o regulamento no site do Museu Marítimo de Ílhavo www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt. Os trabalhos concorrentes deverão ser apresentados até 29 de agosto. A entrega do prémio acontecerá no dia 16 de Novembro de 2014, Dia Nacional do Mar.

Na 1ª edição, em 2012, o prémio foi atribuído ao trabalho "Hoje por ti, amanhã por mim. A arte xávega no litoral central português", da autoria de Francisco Oneto Nunes, docente do ISCTE-IUL, que recorreu a metodologias antropológicas de pesquisa, conjugando-as com a análise de fontes históricas e um forte registo visual, investigação que se enquadra na essência do legado do Prof. Arquitecto Octávio Lixa Filgueiras.

Prémio Octávio Lixa Filgueiras Estudos em Cultura do Mar 2.ª edição · 2014

MUSEU
MARÍTIMO
ILHAVO

museu • aquário • investigação



CANDIDATURAS ATÉ 30 DE MAIO
ENTREGA DE TRABALHOS ATÉ 29 DE AGOSTO
ATRIBUIÇÃO DO PRÉMIO A 16 DE NOVEMBRO

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONSULTE O REGULAMENTO
EM WWW.MUSEUMARITIMO.CM-ILHAVO.PT



Câmara Municipal de Ílhavo

MUSEU
MARÍTIMO
ILHAVO

museu • aquário • investigação



Cápsula do Tempo

O MMI criou um projeto expositivo e educativo centrado nas memórias construídas sobre a pesca do bacalhau, uma extraordinária história, o principal património do Museu.

Partindo da ideia de que podemos guardar o tempo, ou encapsulá-lo, de modo a garantir que as próximas gerações tenham o privilégio de receber o que lhes deixamos, o Museu convida os homens e mulheres do mar, e o público em geral, a encher uma baleeira de memórias. Trata-se de conservar ativamente, por iniciativa da comunidade, uma herança cultural retida em múltiplos suportes: fotografias,

filmes, instrumentos de pesca e de navegação, cédulas marítimas, diários de bordo e tantas outras coisas que o nosso Museu sempre guardou e partilhou dando expressão à sua responsabilidade social – fazer património, construir identidades.

A entrega de objetos memoriais destinados à Cápsula do Tempo pode ser feita até 18 de maio de 2014. Todos esses objetos memoriais ficarão guardados, ou encapsulados, na baleeira do Bissaya Barreto até 2037, ano em que se cumprirá o centésimo aniversário do Museu.



CIEMar-Ílhavo

Centro de Investigação e Empreendedorismo do Mar do Município de Ílhavo

O **CIEMar-Ílhavo** é uma subunidade do Museu Marítimo de Ílhavo (MMI) e, por inerência, do Município de Ílhavo. Elemento estruturante do novo ciclo de vida do MMI, destina-se a desempenhar uma missão de investigação científico-cultural que tem como principais objetivos alimentar e renovar o projeto cultural do Museu.

A criação deste centro de investigação dotado de funcionalidades arquivísticas, tecnológicas e formativas no domínio da cultura do mar, tem ainda a intenção de impulsionar a dinâmica de investigação do Museu, ampliando-a de forma criativa e projetando-a a escalas mais amplas.

Instalado no edifício que resulta da ampliação e remodelação do antigo Externato de Ílhavo/Escola Preparatória, junto ao MMI, o CIEMar-Ílhavo foi imaginado como uma estrutura aberta a uma vasta comunidade de públicos e ao estabelecimento de sinergias com diversas instituições e agentes de cultura e conhecimento, nomeadamente em articulação com Universidades e centros de investigação de reconhecida competência na área marítima.

O CIEMar-Ílhavo assume-se como organização ativa no processo de desenvolvimento local, regional e nacional; como organização relevante no processo de valorização social da maritimidade.

O CIEMar-Ílhavo é composto por quatro valências ou subunidades:

CIEMar – unidade de investigação nas áreas de História Marítima, Antropologia Marítima, Geografia Marítima e investigação pluridisciplinar sobre conteúdos e patrimónios materiais e imateriais representados no MMI.

DocMar - arquivo de temática marítima de singular importância, permite o desenvolvimento de projetos de investigação sobre temas marítimos, em geral, e memória das pescas, em particular. O DocMar é constituído por diversos fundos de arquivo, entre os quais se destacam o Fundo Especial Octávio Lixa Filgueiras, o Fundo da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, os acervos de diversas empresas de pesca do bacalhau, assim como, sob a forma de depósito, o arquivo da Administração do Porto de Aveiro.

Aberto à consulta pública.

MarInfo/Incubadora de empresas de conteúdos em cultura do mar – unidade produtora de conteúdos em Cultura do Mar, aplicáveis a museus e a outras instituições culturais, científicas e educativas.

ForMarÍlhavo – unidade de educação informal capaz de socializar grandes temas de cultura marítima e de partilhar resultados de investigação do CIEMar em articulação com outros agentes e instituições.

Morada

Travessa Alexandre da Conceição
3830-196 Ílhavo
GPS - N 40.36'15" O 8.40'02"

Horário

Segunda a sexta-feira
10h00 - 13h00 | 14h00 - 18h00

Contactos

Tel.: (+351) 234 092 496
ciemar.mmi@cm-ilhavo.pt
www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt

